

Novo site do Inimigo: Aconteceu e é verdade <http://inimigo.publico.pt/>

Nobel da Economia atribuído a investigadores que analisaram fricções no mercado laboral

Paulo Miguel Madeira

Especialistas estudaram os desajustamentos entre a oferta de postos de trabalho e a existência de um grande número de desempregados nas sociedades

● Num período de desemprego historicamente elevado nos países do Ocidente, a Academia das Ciências da Suécia atribuiu o Nobel da Economia de 2010 a três economistas, por trabalhos que ajudam a perceber como lidar com os desajustamentos entre a oferta e a procura de mão-de-obra nos mercados de trabalho.

Os laureados são dois americanos - Peter A. Diamond, professor no Departamento de Economia do famoso MIT (Massachusetts Institute of Technology), e Dale T. Mortensen, da Northwestern University - e o cipriota Christopher Pissarides, da London School of Economics. Foram tidos em conta pela Academia os contributos considerados relevantes para a compreensão do que se designa como "fricção na procura" nos mercados de trabalho - o desajustamento entre a oferta de postos de trabalho pelos empregadores e a existência de muitos desempregados.

"Porque é que há tantas pessoas desempregadas e ao mesmo tempo um grande número de vagas para empregos? Como é que a política económica afecta o desemprego? Os laureados deste ano desenvolveram uma teoria que pode ser usada para responder a estas questões, diz a Academia sueca no seu comunicado.

Esta escola de pensamento remonta aos finais dos anos 1970 e inícios da década de 1980 e procura compreender os modos de funcionamento dos mercados com fricções na procura, sendo conhecida por "teoria da procura" (*search theory*) e "nos anos mais recentes tem sido muito aplicada aos mercados laborais, para tentar explicar como se faz o encontro entre as necessidades dos indivíduos e dos empregadores",

segundo explica o MIT no seu comunicado sobre a atribuição do Nobel a Peter Diamond.

O mercado de trabalho tem justamente esta particularidade: uma maior tendência para a fricção entre oferta e procura do que é habitual, como explicaram ao PÚBLICO Pedro Telhado Pereira, professor catedrático de Economia do Trabalho na Universidade da Madeira, e Pedro Maia Gomes, professor assistente na Universidade Carlos III, em Madrid, e cuja tese de doutoramento na London School of Economics foi orientada precisamente por Christopher Pissarides.

A ideia é que "noutros mercados (por exemplo o mercado financeiro) o preço ajusta-se para encontrar o equilíbrio entre a oferta e a procura", o que não acontece no mercado de emprego, cuja natureza "é muito diferente", diz Pedro Maia Gomes. "É caracterizado pela presença de fricções que impedem que, havendo pessoas que querem um emprego e firmas que querem contratar um trabalhador,

eles se encontrem", acrescenta.

Normalmente, "num mercado em que haja fricções os preços não descem até um novo equilíbrio", e é o que se passa no mercado de emprego, diz ainda Telhado Pereira. Até porque "há um custo de eficiência de baixar muito o salário, pois as pessoas ficam muito desmotivadas e, no limite, sem condições para poderem cumprir a função".

Apoios aos desempregados

Assim, nesta escola de pensamento, como realça Pedro Telhado Pereira, "uma das questões abordadas é a dos apoios aos desempregados". Uma das conclusões destes estudos referidas pelo comunicado da Academia é que "benefícios de desemprego mais generosos dão azo a maior desemprego e maiores tempos de procura" de novos postos de trabalho. No entanto, esta situação apresenta a vantagem de proporcionar também que a transição entre postos de trabalho se faça de um modo que permite em geral al-

cançar postos de trabalho com maior qualidade, conforme explica Telhado Pereira. Mas isso tem normalmente de ser acompanhado por qualificação dos desempregados.

Esta foi precisamente uma das contribuições dos trabalhos de Peter Diamond, que explicou num artigo de 1994 (*Mobility Costs, Frictional Unemployment, and Efficiency*) que um baixo apoio no desemprego é "uma solução boa no curto prazo [para fazer reduzir o desemprego], mas com custos no longo prazo", porque a solução encontrada em termos de novos postos de trabalho é "subótima, pois a qualidade do emprego é pior no caso de haver menores gastos" com a transição dos trabalhadores.

Dale T. Mortensen desenvolveu por seu lado um trabalho mais ligado ao modo como a regulação e a política económica afectam o desemprego e as vagas de trabalho disponíveis. Quanto a Christopher Pissarides, talvez a sua maior contribuição tenha sido "na modelização deste processo, pelo qual o número de pessoas que estão à procura de emprego e o número de anúncios postos pelas empresas se 'encontram' e se juntam (criando um *match*). Daí a teoria chamar-se também *search and matching* (procura e encontro), explica ainda Maia Gomes.

Uma das aplicações dos estudos de Pissarides aconteceu no Reino Unido, onde foi criado um programa, designado New Deal, de apoio a jovens desempregados, no qual, ao fim de seis meses de desemprego, tinham de aceitar entrar em formação ou voltar ao sistema de ensino para manterem o subsídio. Algo semelhante à segunda parte da ideia de flexissegurança. Telhado Pereira refere que "os estudos feitos mostram que quem entra neste tipo de acordo tem mais probabilidade de ficar empregado".

Pedro Maia Gomes chama também a atenção que Christopher Pissarides, que recorda como "um homem extremamente simpático, divertido, apreciador de vinho e futebol", fez toda a sua carreira académica na Europa, o que é uma excepção entre os Nobel da Economia.

Cortes salariais podem provocar greve histórica no sector aéreo

Raquel Almeida Correia

● A intenção de avançar com cortes salariais nas empresas públicas, anunciada pelo Governo como medida de combate ao défice, poderá levar a uma greve sem precedentes na aviação. Ontem, todos os sindicatos do sector estiveram reunidos para discutir a proposta do Executivo e definir acções de protesto. Todas as hipóteses estão em cima da mesa, incluindo o recurso à paralisação, que afectará não só a TAP mas também os aeroportos e o controlo aéreo.

Apesar de os trabalhadores ainda não terem sido oficialmente notificados pelo Governo, o facto é que os cortes salariais no sector empresarial do Estado já estão a ser contabilizados como poupança, num valor que rondará os 150 milhões de euros - sem contabilizar perda de receita fiscal. Os sindicatos lamentaram ontem "ainda não ter sido feita uma comunicação oficial, que concretize se vai haver redução e de que tipo", afirmou André Teives, do Sindicato dos Técnicos de Handling de Aeroportos (STHA) e porta-voz das unidades sindicais presentes no encontro.

Mesmo sem confirmação governamental, os sindicatos já decidiram que "não vão aceitar a imposição de uma

150

Teixeira dos Santos afirmou que o Estado vai poupar 150 milhões de euros com os cortes nas empresas públicas

proposta de redução salarial", referiu André Teives, acrescentando que "todas as medidas de protesto estão em cima da mesa".

O porta-voz admitiu que existe a possibilidade de recorrerem à greve, o que, além de deixar os aviões da TAP e da açoriana SATA em terra, afectaria os aeroportos e a gestão do espaço aéreo, uma vez que as dez unidades sindicais representam trabalhadores da companhia de aviação, mas também da ANA e da NAV. Os sindicatos contactaram as empresas e o Governo para confirmar se a redução salarial vai avançar, mas não obtiveram respostas. Agora, vão "esperar para ver o que acontece e o que será proposto no Orçamento do Estado" para decidir qual será o próximo passo.

Para Cristina Vigon, presidente do Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil (SNPVAC), o cenário de paralisação do sector é "muito provável". Se os cortes se concretizarem, "o sindicato [que representa os tripulantes] avançará para uma greve", garantiu a responsável, no final de um reunião de três horas e meia que juntou, pela primeira vez na história da aviação, todos os sindicatos do sector.



Laureados estudaram aquilo a que se chama "a teoria da procura"

Desemprego no centro da crise financeira e económica

O desemprego é uma das expressões da crise global que teve origem há dois anos no sistema financeiro dos Estados Unidos e que conduziu a uma subida acentuada do número de pessoas sem trabalho.

A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) registou um aumento da taxa de desemprego - nos cerca de 30 países que a compõem - de 5,8 para 8,1 por cento entre 2007 e 2008. Seguiram-se taxas de 8,3 por cento, em 2009, e de 8,5 por

cento em Julho deste ano, o que representa um aumento de 46,5 por cento em dois anos e meio.

Esta realidade coincide com uma subida também do subemprego e do trabalho informal, de acordo com o relatório *The Challenges of Growth, Employment and Social Cohesion*, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT), posto recentemente em discussão.

Por outro lado, os países em

desenvolvimento não escaparam a este flagelo, que afectou sobretudo empregos no sector exportador (já em recuperação), mas também o trabalho no sector informal.

Estes dados corroboram, de algum modo, a ideia que tem sido defendida pelo economista norte-americano Paul Krugman, de que nesta crise não estão disponíveis empregos, pelo que não haverá propriamente um problema de fricção no mercado de trabalho, conforme lembrou Pedro Telhado Pereira.

Por outro lado, ao abordarem mais o desemprego estrutural do que o cíclico (ou conjuntural), as teorias hoje premiadas com o Nobel podem ser particularmente adequadas para ajudar a mitigar o problema actual, com fricção no mercado devido a desajustamento das qualificações dos desempregados ou da diferente localização geográfica da oferta e da procura, diz Pedro Maia Abreu, doutorado em Economia sob orientação de Christopher Pissarides. **P.M.M.**